

Análise Retórico-Filosófica do Discurso e a Inteligência Artificial: O Uso de *Prompts* na Identificação de Figuras de Linguagem e suas Implicações para as Representações Sociais

*Rhetorical-Philosophical Analysis of
Discourse and Artificial Intelligence:
The Use of Prompts in Identifying
Figures of Speech and their
Implications for Social Representations*

Lucas Salgueiro Lopes

Doutorando em Educação pela Universidade
do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
salgueirollucas@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/4415472006624720>
<https://orcid.org/0000-0003-4111-2685>

Quéteri Figueiredo Paiva

Doutoranda em Educação pela Universidade
do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
queteripaivauerjffp@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/5268759744537712>
<https://orcid.org/0000-0003-3721-3782>

Adam Alfred de Oliveira

Doutorando em Educação pela Universidade
do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
adamalfred1@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/3669561083617960>
<https://orcid.org/0000-0002-4533-9732>

Arthur Vianna Ferreira

Doutor em Educação pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Brasil
Professor Associado da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro, Brasil
arthuruerjffp@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/6209418269981786>
<https://orcid.org/0000-0002-5297-1883>

Resumo: Este estudo propõe um método interdisciplinar que integra a Análise Retórico-Filosófica do Discurso (ARFD), fundamentada na tradição clássica de Aristóteles e Reboul, na Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici e na abordagem de Ferreira e Mazzotti, ao uso estratégico de *prompts* em Inteligência Artificial (IA) para identificar figuras de linguagem em discursos proferidos em pesquisas de Representações Sociais (RS). Desta forma, o trabalho busca, por meio de testes, desenvolver *prompts* de complexidade crescente aplicados a trechos de dissertações sobre educação não escolar e violência, compreender a possibilidade de uso da IA como ferramenta auxiliar na detecção sistemática de metáforas, metonímias e outras

figuras retóricas, potencializando o desvelamento de crenças, valores e identidades coletivas sem substituir o julgamento crítico do pesquisador. Os resultados destacam limitações como erros interpretativos e ausência de compreensão contextual na IA, sugerindo direções futuras para refinamentos metodológicos e aplicações ampliadas em psicologia social e educação.

Palavras-chave: inteligência artificial; representações sociais; análise retórico-filosófica do discurso.

Abstract: This study proposes an interdisciplinary method that integrates Rhetorical-Philosophical Discourse Analysis (RPDA), grounded in the classical tradition of Aristotle and Reboul, Moscovici's Theory of Social Representations (TSR), and Ferreira and Mazzotti's approach, with the strategic use of Artificial Intelligence (AI) prompts to identify figures of speech in discourses

delivered in Social Representations (SR) research. Thus, the work seeks, through testing, to develop prompts of increasing complexity applied to excerpts from dissertations on non-formal education and violence, to understand the possibility of using AI as an auxiliary tool in the systematic detection of metaphors, metonymies, and other rhetorical figures, enhancing the development of importance, values, and collective identities without replacing the researcher's critical judgment. Key limitations, such as interpretive errors and the absence of contextual understanding results in AI, suggest some future avenues for methodological refinements and expanded applications in social psychology and education.

Keywords: Artificial intelligence; social representations; rhetorical-philosophical analysis of discourse.

Introdução

A Inteligência Artificial (IA), por meio do uso estratégico de *prompts* em Grandes Modelos de Linguagem (LLMs), emerge como uma ferramenta metodológica inovadora para a Análise Retórico-Filosófica do Discurso (ARFD), especialmente na identificação de figuras de linguagem. Este estudo propõe e valida um método interdisciplinar que conecta a tradição clássica da retórica — exemplificada por Aristóteles e atualizada por Olivier Reboul — à Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici e à ARFD de Ferreira (2024), permitindo uma compreensão mais aprofundada das estruturas persuasivas e dos significados compartilhados em contextos sociais.

Desta forma, este artigo toma como problema central a indagação sobre como a IA pode de fato auxiliar na detecção de figuras de linguagem — a exemplo de metáforas, metonímias e outras —, atuando como um reforço importante no ferramental metodológico da ARFD. O intuito aqui não é substituir o olhar atento do pesquisador, mas enriquecer suas ferramentas para, de maneira mais precisa e eficiente, desvelar as Representações Sociais (RS) compartilhadas por

um grupo específico, revelando assim as crenças, valores e visões de mundo que surgem dos discursos cotidianos. Trata-se, em essência, de uma ponte entre a tradição clássica da retórica e os avanços tecnológicos contemporâneos, permitindo que padrões discursivos, muitas vezes sutis, ganhem um quadro mais nítido a partir do que está sendo comunicado e reificado dentro de um grupo. Assim, ao se desvelar as RS podemos acessar os valores, as crenças, as identidades, ou seja, aquilo que está no senso comum de um grupo pesquisado.

O trabalho de sistematizar e organizar os discursos proferidos por grupos participantes em pesquisas sobre RS por meio da ARFD carrega um esforço considerável que se assemelha a um artesanato meticuloso que exige paciência e um olhar afiado para captar as nuances escondidas nas inúmeras entrevistas e diários de campo. Este processo faz com que um pesquisador mergulhe em pilhas de transcrições, buscando padrões recorrentes em metáforas e demais figuras de linguagem, além de repetições ou silêncios que porventura revelem as crenças compartilhadas — um processo demorado, suscetível a fadiga humana e a variações interpretativas. É nesse cenário que a análise manual, embora rica em sensibilidade, frequentemente se vê limitada pela escala: lidar com dezenas ou centenas de falas exige tempo excessivo e a segurança das conclusões perpassa pela análise dos pares para que os discursos possam ser enquadrados em determinada figura de linguagem.

Nesse contexto, cabe perguntar: a Inteligência Artificial poderia ser uma aliada nesse processo? Injetando segurança, confirmação e agilidade em um fluxo de trabalho. Ao processar um texto, com *prompts* bem calibrados, identificaria figuras de linguagem de forma rápida e sistemática, oferecendo uma primeira triagem que o pesquisador pode validar e aprofundar com seu julgamento crítico? Por meio do uso estratégico de *prompts*, a IA pode ser utilizada como uma ferramenta metodológica para ARFD, e como essa análise pode contribuir para a compreensão das RS?

Assim, este estudo adota a pesquisa qualitativa e exploratória, estando dentro da área da Psicologia Social. Com o objetivo de propor um método de análise de discurso que utilize a IA para identificar figuras de linguagem, conectando os campos da retórica clássica, da tecnologia e da psicologia social. De forma específica, este trabalho pretende, no seu próximo capítulo, revisar criticamente a literatura sobre a análise retórica de Aristóteles e Reboul, e a TRS. Em seguida, o artigo busca descrever a metodologia de uso de *prompts* em modelos de linguagem

para a identificação de figuras de linguagem e analisar como as figuras de linguagem identificadas pela IA podem servir de porta de entrada para a compreensão das RS. E, nas conclusões, busca-se discutir as implicações, limitações e direções futuras desta abordagem interdisciplinar.

A Fundamentação Teórica da Análise Retórico-Filosófica do Discurso: Um Diálogo entre Aristóteles, Reboul, Mazzotti e Ferreira

A fundamentação teórica deste artigo estrutura-se a partir da confluência de três vertentes analíticas que, embora distintas em sua origem, revelam-se complementares para uma compreensão sobre o discurso persuasivo: (1) a tradição filosófica da retórica de Aristóteles, (2) a análise retórica contemporânea de Olivier Reboul e (3) a abordagem psicossocial inspirada nos trabalhos de Mazzotti e Ferreira.

A tradição filosófica oferece, com Aristóteles, os fundamentos da retórica como uma disciplina rigorosa. Em sua obra *Retórica*, o filósofo a define não como a arte de persuadir, mas como a capacidade de "encontrar o persuasivo em cada situação" (MAZZOTTI, 2007: 80). Para Aristóteles, a análise retórica é, por natureza, filosófica, uma vez que se debruça sobre a estrutura essencial da comunicação humana e dos processos de persuasão. Ele sistematizou a arte retórica em três gêneros de discurso: o deliberativo (sobre o futuro), o judiciário (sobre o passado) e o epidítico (sobre os valores do presente) e identificou as provas (*pisteis*) como o elemento central da persuasão (ARISTÓTELES, 2011: 53).

As provas artísticas, intrínsecas ao discurso e que mais interessam à análise, manifestam-se por meio de três eixos interdependentes: *logos*, A lógica do argumento, a coerência e a força racional do que é dito; *ethos*, o caráter do orador, a confiança que ele inspira no auditório por meio de sua prudência, virtude e benevolência; *pathos*, as emoções e as paixões do auditório, que o orador deve ser capaz de compreender e mobilizar.

Aristóteles (2000) evidencia ainda que as emoções, nas quais o orador deve ser capaz de compreender e mobilizar um auditório durante seu discurso, não são irracionais, mas constituem respostas lógicas a determinadas situações. Ele se opõe à visão platônica que

condenava a exploração das paixões, argumentando que a habilidade de manejar as emoções é uma ferramenta inerentemente humana. Como destaca o autor, seria incoerente e desonroso o fato de um indivíduo não ser capaz de defender-se fisicamente, sem que se atribua a mesma desonra à incapacidade de defender-se pela palavra, visto que o uso da linguagem é mais característico da condição humana do que o recurso à força corporal (ARISTÓTELES, 2000). Assim, examinar um discurso a partir de Aristóteles significa compreender princípios da persuasão e a maneira como os afetos são mobilizados para gerar adesão.

Séculos depois, o filósofo Olivier Reboul retoma e atualiza a tradição clássica, definindo a retórica como "a arte de persuadir pelo discurso" (REBOUL, 1998: XIV). Para ele, a análise retórica ultrapassa a simples categorização de figuras de estilo. Na obra *Introdução à Retórica*, o autor concebe o discurso como "toda produção verbal, escrita ou oral, constituída por uma frase ou por uma sequência de frases, que tendo começo e fim e apresente certa unidade de sentido" (REBOUL, 1998: XIV).

Reboul ressalta que, na prática retórica, "razão e sentimentos são inseparáveis" (REBOUL, 1998: XVII), afastando-se de uma concepção puramente lógica da argumentação. Sob essa perspectiva, analisar retoricamente implica investigar os modos pelos quais o discurso opera para persuadir, considerando as figuras de linguagem não como meros ornamentos, mas como dispositivos centrais na produção de efeitos argumentativos e emocionais. Tais recursos tornam as ideias mais concretas, vívidas e, portanto, mais eficazes do ponto de vista persuasivo. A argumentação, para Reboul, não se confunde com a demonstração científica, que seria um "meio de convencimento puramente racional" (REBOUL, 1998: XVIII). A argumentação retórica é lida como provável, atuando no campo dos valores e das crenças.

A interseção dessas duas abordagens é onde se insere a contribuição de Tarso Mazzotti, cuja perspectiva amplia o escopo da análise retórica ao transportá-la para os domínios da educação e da psicologia social. Inspirado pela tradição aristotélica, Mazzotti (2015) argumenta que a educação, assim como a política e as artes, é uma técnica *noética* que visa "modificar as crenças, valores e atitudes" (MAZZOTTI, 2015: 115).

Nessa perspectiva, a retórica é concebida como a "ciência da educação" (MAZZOTTI, 2015: 83), pois ela examina os limites e as possibilidades do axioma fundamental para que a mudança de fato ocorra (MAZZOTTI, 2015). A análise retórica, segundo essa visão, torna-se uma

ferramenta para o desvelamento das RS. Os argumentos e as figuras de linguagem recorrentes em um discurso são entendidos como "modelos" ou "metáforas" que condensam e organizam o conhecimento do senso comum (MAZZOTTI, 2015: 90).

Para Mazzotti, a constituição de qualquer conhecimento, inclusive o científico, passa por uma "negociação de significados" que ocorre em situações sociais, retóricas e dialéticas (MAZZOTTI, 2007: 77). Portanto, investigar os argumentos e os modelos figurativos em um discurso permite acessar as representações de um grupo, uma vez que nelas se manifestam, de forma concreta e imagética, suas formas de pensar e interpretar o mundo. A análise retórica, assim, não apenas ilumina os mecanismos de persuasão, mas também revela a cultura e a identidade de quem produz e recebe o discurso.

É neste contexto de convergência entre a tradição clássica, a análise retórica contemporânea e a perspectiva psicossocial que Arthur Ferreira desenvolve a Análise Retórico-Filosófica do Discurso (ARFD), uma metodologia de pesquisa que operacionaliza essas contribuições teóricas para o estudo de grupos sociais específicos, particularmente educadores sociais em contextos de vulnerabilidade.

A ARFD é definida como um método que se diferencia da Análise de Discurso tradicional por focar na dimensão filosófica da produção de um discurso subjetivo, em vez de concentrar-se exclusivamente na construção linguística. Esse método busca revelar o que Ferreira (2024: 106) denomina o "lugar do preferível": as estratégias, valores e formas de ser que fundamentam as decisões e a atuação dos indivíduos em seu campo profissional e social.

O método parte do pressuposto de que o discurso constitui uma elaboração cognitiva que opera como filtro sociocognitivo nas decisões e relações dos sujeitos. A análise busca identificar como recursos retóricos, como metáforas, metonímias e outras figuras de sentido, conforme sistematizadas por Olivier Reboul (1998), são mobilizados na construção de argumentos voltados à persuasão de públicos externos ao grupo. Nesse processo, investiga-se também como os sujeitos atribuem sentido às suas práticas, transformando elementos sociais inicialmente "estranhos" em "familiares", movimento que se articula aos processos de objetivação e ancoragem descritos pela TRS de Moscovici.

A partir da organização dessas figuras utilizadas para amplificar o elogio da escolha do que é elogiado e vivenciado pelo grupo, investigando-se como elas se organizam entre si e quais

as conexões estabelecidas entre essas figuras, a ARFD busca identificar a unidade nas relações de alteridade e nas práticas sociopedagógicas que aparecem tanto como marcas identitárias dos sujeitos quanto núcleo figurativo de RS partilhadas no contexto social de um grupo.

Um aspecto a ser observado na ARFD é o estabelecimento de critérios objetivos para considerar indícios da existência de RS. Ferreira (2024) convencionou que, quando há a possibilidade de identificar que 25% dos sujeitos pertencentes ao mesmo grupo social partilham entre quatro a seis foros temáticos (campos metafóricos do discurso) semelhantes, direta ou indiretamente, ao tema que está sendo estudado pelo pesquisador, infere-se que existem indícios da presença de RS entre os educadores.

Para Ferreira (2024), os foros temáticos são campos metafóricos que emergem da articulação sistemática de figuras retóricas presentes nos discursos de um grupo social, funcionando como imagens coerentes que sintetizam tanto a forma argumentativa quanto o conteúdo do pensamento coletivo sobre um objeto específico. Embora os sujeitos não utilizem necessariamente as mesmas metáforas ou expressões linguísticas, eles frequentemente partilham sentidos complementares que convergem para foros temáticos similares, revelando uma lógica de pensamento compartilhada. A identificação de um foro temático repousa na análise conjugada da *kinésis* (o movimento argumentativo e as estratégias de persuasão) e da *katechesis* (o conteúdo, saberes e valores veiculados), permitindo ao pesquisador desvelar o núcleo figurativo das Representações Sociais.

Desse modo, os foros temáticos dos discursos organizados individualmente pelos sujeitos e comparados entre si, de forma coletiva, se articulam, configurando um modelo figurativo para RS de um determinado objeto para um grupo social específico. Essa métrica foi estabelecida e validada através de pesquisas correlatas publicadas em revistas da área da Educação e em trabalhos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa Fora da Sala de Aula, demonstrando a eficácia desse método para demonstrar indícios de RS no campo da educação não escolar.

Diferentemente da análise retórica clássica, que se concentra na descrição dos mecanismos persuasivos do discurso, e das abordagens tradicionais da análise do discurso, que privilegiam estruturas linguísticas, a ARFD opera em um nível articulado entre forma, sentido e função sociocognitiva. Seu diferencial metodológico reside na identificação sistemática de figuras de linguagem como operadores de organização simbólica, capazes de estruturar núcleos

figurativos que ancoram RS. Nesse sentido, a ARFD não se limita a descrever as figuras de linguagem, mas investiga como essas figuras se articulam em redes de sentido que sustentam crenças, valores e identidades coletivas. Trata-se, portanto, de um método que conecta a materialidade discursiva à constituição das RS, distinguindo-se de outras abordagens qualitativas por sua ênfase na função retórica como mediação entre linguagem e pensamento social.

A ARFD é fundamentada em um conjunto de inspirações teóricas que dialogam entre si:

Quadro 1: *Inspirações teóricas para formulação da Análise Retórico-Filosófica do Discurso*

Campo do Saber	Autores e Teorias
Tradição Clássica da Retórica	Aristóteles e sua sistematização das provas artísticas (<i>logos, ethos e pathos</i>) como elementos centrais da persuasão.
Retórica Contemporânea	Olivier Reboul, que atualiza a tradição clássica enfatizando que razão e sentimentos são inseparáveis na argumentação retórica.
Filosofia da Retórica Aplicada à Educação	Tarso Bonilla Mazzotti, que concebe a retórica como "ciência da educação" e a análise retórica como ferramenta para desvelar as Representações Sociais. Mais a frente, Arthur Ferreira avançou nessa ferramenta metodológica e sistematizou o que denominado como Análise Retórico-Filosófica do Discurso (ARFD).
Psicologia Social	A Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici, que fornece o arcabouço teórico para compreender como os grupos sociais constituem significados compartilhados.
Fenomenologia	A Fenomenologia Transcendental de Husserl, que auxilia na leitura sobre a realidade vivida pelos sujeitos da pesquisa e na compreensão de suas experiências vividas.

Fonte: Produzido pelos autores.

Cabe explicitar que, embora a ARFD dialogue com os aportes de Aristóteles, Reboul, Mazzotti e Moscovici, ela se constitui como desenvolvimento metodológico autoral sistematizado por Ferreira (2024). Nesse sentido, sua relação com Mazzotti não é de simples continuidade, mas de reinterpretação aplicada ao campo da análise discursiva em contextos de educação e vulnerabilidade social, incorporando a dimensão empírica da identificação de figuras de linguagem como operadores das RS.

Metodologicamente, então, a Análise Retórico-Filosófica do Discurso (ARFD) traz como especificidade mais evidente a inseparabilidade entre razão e emoção no discurso persuasivo. Assim, a ARFD desloca o foco da análise para a função sociocognitiva das figuras de linguagem

enquanto operadores de organização simbólica do preferível. Nesse sentido, a ARFD não se limita ao nível descritivo das figuras de sentido, mas para a articulação sistemática dessas figuras na constituição de "imagens" significativas e relevantes para a materialidade discursiva das Representações Sociais, conforme postuladas por Moscovici. Assim, a análise não se concentra apenas no que é dito, mas em como determinadas metáforas ou metonímias, por exemplo, tornam comunicáveis sistemas de crenças, valores e significações sobre um dado objeto. Essa posição distingue a ARFD também das abordagens tradicionais da análise do discurso; enquanto tais abordagens operam majoritariamente no plano estrutural ou discursivo, a ARFD introduz um nível analítico específico: o da estruturação retórico-figurativa do pensamento social, na qual as figuras de linguagem passam a ser compreendidas como mecanismos de ancoragem e objetivação das RS.

Além disso, a ARFD diferencia-se das metodologias clássicas de estudo das RS — como a própria análise de conteúdo ou a abordagem estrutural do núcleo central, por exemplo — ao propor um critério analítico que combina articulação temática e função argumentativa/persuasiva. Ao identificar foros temáticos a partir da convergência de figuras de linguagem em diferentes discursos individuais, o método não apenas prioriza a frequência de determinados conteúdos compartilhados, mas reconstrói a lógica figurativa que sustenta tais conteúdos, permitindo acessar as dinâmicas e crenças próprias de um dado grupo social sobre um objeto. É nesse sentido que podemos perceber na ARFD seu caráter metodológico, distinguindo-a de uma aplicação da retórica clássica ou contemporânea. Trata-se, portanto, de um dispositivo analítico que não apenas descreve o discurso, mas reconstrói os processos simbólicos pelos quais os sujeitos tornam o mundo a sua volta compartilhável e socialmente significativo.

Em síntese a ARFD representa a tradição clássica da retórica, as contribuições contemporâneas da análise retórica e a perspectiva psicossocial. Ao integrar esses campos de saber, ela oferece uma metodologia operacional para compreender não apenas os mecanismos de persuasão presentes nos discursos, mas também as estruturas de significado, as identidades coletivas e as RS que sustentam os grupos sociais. Dessa forma, a ARFD se constitui como um instrumento analítico para pesquisas que buscam desvelar a complexidade das dinâmicas

sociopedagógicas em contextos de vulnerabilidade e empobrecimento, permitindo que as vozes dos sujeitos pesquisados sejam compreendidas em seus aspectos filosóficos e psicossociais.

Se, por um lado, a ARFD permite acessar, com rigor conceitual, os mecanismos pelos quais os sujeitos organizam seus sistemas de valores e convicções por meio de figuras de linguagem, por outro, sua aplicação empírica revela um limite operativo relevante: o volume e a complexidade do material discursivo analisado em pesquisas qualitativas. A identificação manual de metáforas, metonímias e demais figuras exige um trabalho intensivo, reiterativo e suscetível a variações interpretativas. É nesse ponto que se coloca uma questão metodológica decisiva: como preservar a densidade interpretativa da ARFD, ao mesmo tempo em que se amplia sua capacidade de tratamento sistemático dos dados? É a partir dessa tensão entre rigor analítico e escala operacional que se justifica a incorporação da IA, não como instância interpretativa, mas como mediação técnica voltada à identificação e organização preliminar de indícios retóricos, potencializando o trabalho analítico do pesquisador.

Inteligência Artificial como Ferramenta de Análise

A incorporação da Inteligência Artificial (IA) nesta pesquisa não visa substituir o analista humano, mas sim potencializar sua capacidade de análise. A IA, especificamente os Grandes Modelos de Linguagem (LLMs), é aqui concebida como uma ferramenta metodológica, uma espécie de "espelho técnico-discursivo" (SOUSA; MOREIRA, 2025) que, quando bem interrogado, pode refletir as estruturas latentes do discurso. Para compreender seu papel como ferramenta, é crucial definir teoricamente o que é IA e traçar um breve panorama de sua evolução histórica.

A IA, em sua essência, é um campo da ciência da computação dedicado a criar sistemas capazes de realizar tarefas que normalmente exigiriam inteligência humana. Essas tarefas incluem o aprendizado, o raciocínio, a resolução de problemas, a percepção e a compreensão da linguagem. Um dos pioneiros da área, John McCarthy, que cunhou o termo em 1956, definiu-a como "a ciência e engenharia de fazer máquinas inteligentes" (SICHMAN, 2021: 37). Essa definição, embora ampla, captura o objetivo central do campo, ou seja, simular ou replicar a cognição humana em máquinas.

O percurso histórico da IA é marcado por fases de grande entusiasmo e períodos de frustração, conhecidos como "invernos da IA". O marco formal de seu nascimento é a Conferência de Dartmouth, em 1956, na qual pioneiros como John McCarthy, Marvin Minsky, Alan Newell e Herbert Simon estabeleceram os fundamentos e objetivos do campo (SICHMAN, 2021: 37). As décadas seguintes viram o desenvolvimento de sistemas especialistas e os primeiros avanços em redes neurais. Contudo, foi com a expansão exponencial da capacidade computacional e o advento do *big data* que a IA, especialmente por meio do aprendizado de máquina (*machine learning*) e do aprendizado profundo (*deep learning*), alcançou os avanços notáveis que vemos hoje.

Atualmente, vivencia-se a era dos Grandes Modelos de Linguagem (LLMs), como a família GPT (*Generative Pre-trained Transformer*). Esses modelos são treinados com vastos bancos de dados textuais, o que lhes confere uma capacidade sem precedentes de reconhecer padrões linguísticos, nuances semânticas e estruturas complexas. No entanto, é fundamental reiterar que a IA, por si só, não "compreende" o texto no sentido humano; ela não possui consciência, intenção ou vivência social. Os LLMs não criam RS por si mesmos; como afirmam Sousa e Moreira (2025: 16), eles "reorganizam e reproduzem padrões discursivos presentes nos dados com os quais foram treinadas".

A chave para transformar a IA de um mero processador de texto em uma ferramenta de análise qualitativa reside na elaboração precisa dos *prompts*. O *prompt* é a instrução que guia a ação do modelo. Um *prompt* bem elaborado, que contenha definições claras, exemplos e um formato de saída estruturado, pode direcionar a "atenção" do modelo para os aspectos específicos do texto que interessam ao pesquisador. No caso desta pesquisa, o objetivo é fazer com que a IA atue como um "assistente da análise", treinado para identificar as figuras de linguagem que, como observado, são fundamentais para a construção da persuasão e das RS. Assim, a IA se torna uma extensão da capacidade analítica do pesquisador, uma ferramenta que permite explorar o universo discursivo em uma escala e com uma eficiência antes inimagináveis.

Os prompts para encontrar Figuras de Linguagem e Metáforas

Para tanto, foram testados três *prompts* no ChatGPT com o objetivo de identificar figuras retóricas, especialmente figuras de sentido, no âmbito da Análise Retórico-Filosófica do Discurso (ARFD). Esses três *prompts* foram elaborados pelos autores considerando diferentes níveis de complexidade, organizados do mais básico ao mais avançado.

O primeiro *prompt* solicitou uma análise retórica de modo geral, sem a explicitação de conceitos específicos ou de autores do campo. O segundo introduziu conceitos mais delimitados, situando-os em suas áreas de origem, embora ainda sem referência direta a autores específicos. O terceiro, por sua vez, apresentou maior grau de complexidade, ao mencionar explicitamente a ARFD, seus campos teóricos de origem e os autores que fundamentam essa abordagem. Nesse sentido, apenas o último *prompt* fazia referência direta a autores centrais da Análise Retórico-Filosófica do Discurso, como Aristóteles e Olivier Reboul. Os *prompts* utilizados foram os seguintes:

(1) Para fins de análise retórica, em uma pesquisa que dialoga com o campo das representações sociais, identifique as figuras retóricas nos trechos de entrevistas que serão enviados.

(2) Para fins de análise retórico-filosófica, em uma pesquisa que dialoga com o campo das representações sociais, identifique as figuras retóricas, sobretudo, as figuras de sentido, nos trechos de entrevistas transcritos que serão enviados.

(3) Para fins de análise retórico-filosófica, com base em Aristóteles, em uma pesquisa que dialoga com o campo das representações sociais, identifique as figuras retóricas, sobretudo, as figuras de sentido, segundo Olivier Reboul, nos trechos de entrevistas transcritos que serão enviados.

Desse modo, o objetivo aqui, enquanto se desenvolviam os *prompts*, era de uma descrição que desse conta da complexidade da Análise Retórico-Filosófica do Discurso, nomeando seus principais passos e dialogando com suas referências teóricas de base. Assim, se esperava que conceitos filosóficos importantes para nós, como os de “retórica”, ou mesmo a ideia de “figuras de sentido”, correspondessem aos autores que inspiraram essa teoria.

Para a realização dos testes empíricos desses *prompts*, foram selecionados dois estudos dissertativos que utilizam a Análise Retórico-Filosófica do Discurso como método analítico, a saber: Oliveira (2023) e Lopes (2023). De cada um desses trabalhos, foram escolhidos dois trechos distintos de entrevistas que haviam sido originalmente analisadas à luz da ARFD — de forma manual. Esses trechos foram submetidos aos três *prompts*, sempre na mesma sequência, de modo a garantir maior comparabilidade dos resultados.

Os testes foram realizados em conversas distintas da inteligência artificial, sem contas logadas, com o objetivo de evitar que memórias prévias do sistema influenciassem ou “contaminassem” as análises. As testagens ocorreram ao longo do mês de janeiro de 2026. O primeiro trecho analisado foi extraído de Oliveira (2023):

Eu não sei se isso chega a ser uma interferência, mas... Os alunos não chegam com base... E afeta porque eu não consigo ir direto, né... Vamos dizer... Chegar e dar aula de programação... Eu tenho um tempo pra dar aqueles conteúdos né, costuma ser três meses... Às vezes, são conteúdos extensos e eu preciso dar aula de... de Informática antes de dar Inovação... Então acaba que eu tenho que dar tudo e eu tenho que correr, eu tenho que correr... (OLIVEIRA, 2023: 101).

No *prompt* 1, o mais simples, a IA identificou algumas figuras retóricas no trecho, mas sem maior aprofundamento conceitual, especialmente no que se refere às figuras de sentido. O trecho “eu não sei se isso chega a ser uma interferência” foi identificado como um eufemismo, caracterizado como uma forma de atenuação. Em “os alunos não chegam com base”, foram apontadas uma generalização e uma metáfora implícita. Também foram mencionadas uma repetição enfática, uma enumeração hesitante e uma hipérbole moderada. Ao final, a IA indicou alguns efeitos discursivos relacionados às representações sociais, como a construção do aluno enquanto sujeito carente de base e do docente como alguém sobrecarregado e pressionado pelo tempo. Nessa análise, contudo, não houve diálogo com autores específicos da Teoria das Representações Sociais ou da Filosofia retórica, tampouco aprofundamento interpretativo mais denso.

No segundo *prompt*, as figuras de sentido ganharam maior centralidade. Desde o início, a metáfora foi apontada como figura predominante no trecho, sendo analisadas expressões como “os alunos não chegam com base” e “ir direto. Foram também identificadas metonímias em

expressões como “dar aula de programação” e “dar inovação”, além da menção a uma hipérbole, um eufemismo e parataxes. Ainda que sem citar autores específicos, a síntese interpretativa destacou uma representação do ensino técnico marcada por uma estrutura hierárquica do conhecimento, pelo tempo como elemento de pressão, pelo professor como gestor de lacunas formativas e pelo aluno como portador de déficits prévios. A IA ressaltou, ainda, que as figuras de sentido não operariam apenas como ornamentos discursivos, mas como organizadoras da experiência vivida, legitimando a queixa docente.

No *prompt* 3, mais complexo, a análise iniciou-se com a referência explícita a Olivier Reboul, destacando, a partir de sua teoria, algumas das figuras presentes no trecho. A metáfora foi enfatizada, especialmente em “os alunos não chegam com base”, assim como a metonímia em expressões como “chegar com base” e “dar informática antes de dar inovação”. Foram novamente mencionadas a hipérbole, o eufemismo e a repetição, esta última compreendida como figura de construção com efeito de sentido.

Em seguida, a IA estabeleceu um diálogo mais direto com a retórica aristotélica, mobilizando as categorias de *ethos*, *pathos* e *logos*. No *ethos*, destacou-se a construção do entrevistado como um professor responsável, comprometido e sobrecarregado; no *pathos*, a metáfora da corrida foi interpretada como mobilizadora de empatia, compreensão do esforço docente e sensação de injustiça estrutural; no *logos*, evidenciou-se um encadeamento argumentativo segundo o qual a ausência de base dos alunos, o tempo reduzido e a necessidade de adaptação justificariam a prática docente descrita. Por fim, a análise articulou essas leituras à Teoria das Representações Sociais, mobilizando conceitos como ancoragem e objetivação, e apresentando uma síntese interpretativa que abordou as estruturas cognitivas e sociais do discurso.

Esse padrão analítico se manteve nos demais testes realizados em Oliveira (2023: 101) num segundo trecho: “Molecadinha, tu vê também que sai de um estágio totalmente... zero. E aí avança com relação a mexer no mouse, a... entrar no Google, também na parte de lógica também. Então assim, esse é o grande objetivo, né?”

No *prompt* 1, identificou-se inicialmente um diminutivo avaliativo (“molecadinha”), seguido de uma hipérbole e de uma metáfora do vazio em “estágio totalmente zero”, além de uma enumeração exemplificativa com progressão. A síntese interpretativa apontou a construção

do aluno como iniciante, a representação do professor ou do curso como instância de resgate ou iniciação e a naturalização de um modelo pedagógico hierarquizado, com traços de discurso paternalista, sem mobilização explícita de teorias ou autores.

No *prompt 2*, “molecadinha” foi interpretado como metonímia associada ao diminutivo avaliativo. A síntese interpretativa apontou o aluno como jovem imaturo e tecnicamente “zerado”, a formação como processo de iniciação básica e o docente como agente promotor de avanço a partir do mínimo.

No *prompt 3*, a análise iniciou-se destacando a metáfora do vazio em “sai de um estágio totalmente zero”, ressaltando, a partir de Reboul, seu poder de “simplificação radical”. O trecho foi ainda interpretado como hipérbole, seguido da identificação de metonímia técnica, enumeração progressiva, metáfora do avanço e diminutivo avaliativo. As categorias aristotélicas de *ethos*, *pathos* e *logos* foram novamente mobilizadas: o *ethos* foi associado à proximidade do entrevistado; o *pathos*, à sensação de desafio superado; e o *logos*, ao raciocínio implícito segundo o qual os alunos chegam sem conhecimento e aprendem apenas o básico operacional, justificando o objetivo educativo do curso. Esses elementos foram, por fim, articulados à Teoria das Representações Sociais, identificando possíveis objetos de representação como aluno, tecnologia, ensino e professor.

O mesmo procedimento foi aplicado aos trechos do trabalho dissertativo de Lopes (2023):

Então, violência é... aquilo... é um distúrbio da sociedade. A violência é um... uma curva numa reta. É... aquilo que desvirtua, é... de um propósito, de um caráter, de uma meta, de um objetivo, e conduz alguém, ou alguns, a uma... uma atitude deplorável, diferente, diferente do que é o original, do que é o normal. E a violência tira também pessoas de sua rota, né?! De sua meta, de seu propósito... é... seja a própria pessoa que comete violência ou a pessoa a qual tá sendo vítima da violência. Então a violência é... ela é ruim para dois lados, né, não só pra pessoa que é afetada, mas pra pessoa que comete também; ela sai do seu propósito, de sua rota quando ela comete violência. Então, a violência é um distúrbio da sociedade, eu entendo assim (LOPES, 2023: 133).

No primeiro trecho analisado (LOPES, 2023: 133), o *prompt* 1 identificou como central a metáfora estrutural da violência como “curva numa reta”, além de metáforas associadas à ideia de caminho. A síntese seguiu o padrão das análises anteriores.

No *prompt* 2, além das metáforas já identificadas, destacou-se uma metáfora moral axiológica (“aquilo que desvirtua”), uma antítese implícita entre “o normal” e “o desviado”, repetição e paralelismo, bem como uma generalização em “ela é ruim para dois lados”. A análise reforçou a concepção da violência como desvio moral.

O *prompt* 3 aprofundou a leitura metafórica, destacando metáforas médicas, geométricas, de caminho e de moral, além de identificar “ruim para os dois lados” como metáfora de contágio bilateral. A síntese interpretativa ampliou os sentidos normativos atribuídos à violência, compreendida como anomalia e como ruptura de uma ordem social naturalizada como “reta”, articulando ainda *ethos*, *pathos* e *logos* aristotélicos.

O último trecho testado foi o seguinte:

A violência é... eu acho que pode ser os dois. Porque eu acho que uma pessoa por si própria pode se tornar violenta, casos como violência doméstica, que temos, né... então é... assim, é... vai ser sempre um distúrbio ou uma curva numa reta, seja em alguém ou seja num coletivo. Então ela geralmente num coletivo, ela se torna mais sistêmica e ela se torna mais... é... as vezes organizada, né?! E às vezes se torne, talvez, até com resultados piores do que ela individualizada. Mas eu acho que ela pode ser tanto individual como coletiva, ou... trazendo os mesmos prejuízos, né (LOPES, 2023: 133).

No último trecho analisado de Lopes (2023: 133), o *prompt* 1 destacou a presença de paráfrases, hesitações orais, a metáfora geométrica da “curva numa reta”, antíteses, generalizações e atenuações. A síntese interpretativa enfatizou a violência como desvio da normalidade, compreendida em um movimento que se desloca do âmbito individual para o coletivo.

O *prompt* 2 inicia a análise com foco nas metáforas. Primeiramente, identifica-se uma metáfora recorrente da trajetória, seguida de uma metáfora da doença ou do distúrbio social. Em seguida, destaca-se uma hipérbole comparativa com gradação, encerrando-se com um paralelismo associado à modalização epistêmica de hesitação, presente em expressões como “eu

acho que”, “talvez” e “às vezes”. A síntese mantém o padrão do primeiro *prompt*, situando a violência a partir de uma perspectiva de dinâmica coletiva e reafirmando a ideia de desvio.

Por fim, no *prompt* 3, observa-se a manutenção da tendência de predileção pelas metáforas, inicialmente identificadas como geométricas, médicas/sociais e do coletivo como organismo, de forma sequencial. Em seguida, são apontadas uma antítese – expressa na formulação da violência como “tanto individual como coletiva”, e a hipotipose, associada ao tom de hesitação do entrevistado já mencionado anteriormente. O *prompt* também destaca o processo de repetição enfática como elemento organizador do discurso retórico. No que se refere às aproximações com a retórica aristotélica, são mobilizadas as categorias de *ethos*, *logos* e *pathos*: o *ethos* é associado à construção de um autor reflexivo; o *logos*, a um encadeamento argumentativo em torno da violência como fenômeno individual e/ou coletivo; e o *pathos*, à dimensão ética mobilizada pelo discurso. Por fim, a síntese retoma a concepção de violência, preservando metáforas já empregadas (“curva numa reta”, “distúrbio”) e acrescentando a compreensão do objeto como manifestação coletiva e sistemática.

Assim, os resultados dos testes realizados apontaram que a Inteligência Artificial, quando acionada por meio de *prompts* estrategicamente elaborados, pode constituir uma ferramenta metodológica auxiliar relevante para a Análise Retórico-Filosófica do Discurso no campo das representações sociais. A IA mostrou-se particularmente eficaz na identificação preliminar de figuras retóricas, sobretudo figuras de sentido, contribuindo para a sistematização inicial de grandes volumes de material discursivo, como entrevistas extensas e densas, recorrentes em pesquisas qualitativas desse campo.

A análise comparativa dos três *prompts* evidencia diferenças importantes em termos de densidade teórica e qualidade interpretativa. O *prompt* 1 operou em nível predominantemente descritivo, limitando-se à identificação básica de figuras retóricas, sem um aprofundamento teórico ou um diálogo mais próximo das teorias. O *prompt* 2 apresentou avanços ao priorizar as figuras de sentido e sugerir articulações interpretativas mais próximas das representações sociais, ainda que sem mobilizar explicitamente seus referenciais teóricos – o que poderia atrapalhar investigações mais explicitamente ligadas à uma abordagem específica da TRS. Já o *prompt* 3 foi o que mais se aproximou da análise ambicionada, ao articular a retórica aristotélica, a perspectiva de Olivier Reboul e a Teoria das Representações Sociais, possibilitando leituras

mais densas dos discursos e maior atenção às figuras de sentido como organizadoras da experiência social e simbólica. Importa destacar, contudo, que mesmo nesse nível mais avançado, a IA não interpreta as RS, mas apenas identifica padrões linguístico-retóricos que podem sustentar hipóteses analíticas. Assim, sua função permanece circunscrita à organização preliminar do material, cabendo ao pesquisador a interpretação situada.

Apesar desses ganhos, os limites do uso da IA tornam-se evidentes. Embora seja capaz de identificar padrões retóricos e sugerir efeitos de sentido, a IA não substitui o trabalho interpretativo do pesquisador. Da mesma maneira, mesmo a IA comete erros e divergências interpretativas, dependendo dos *prompts* utilizados. A articulação entre os trechos discursivos, a contextualização social e histórica dos enunciados e a produção de sínteses teóricas consistentes permanecem como tarefas centrais da análise – o que é uma tarefa do pesquisador. Desse modo, a validade do uso da IA na ARFD reside em sua compreensão como ferramenta auxiliar, mas não como substituto analítico, cabendo ao pesquisador a interpretação autônoma e epistemologicamente situada das evidências discursivas e das representações sociais nelas produzidas.

Considerações finais

O estudo demonstrou que a integração entre a Análise Retórico-Filosófica do Discurso e a Inteligência Artificial configura-se como um avanço metodológico promissor para o campo da Psicologia Social. Com base no que foi investigado, a utilização da IA não deve ser vista como uma substituição do pesquisador, mas como uma ferramenta de "espelhamento técnico-discursivo", capaz de conferir agilidade e auxílio ao processo de triagem das figuras de linguagem extraídas do material coletado no campo de pesquisa.

A investigação evidencia que a IA pode ser uma aliada importante por meio do uso estratégico de *prompts*, atuando como um "assistente da análise" para identificar figuras de linguagem fundamentais para a pesquisa em RS. Esse suporte técnico pode reduzir a fadiga humana e ajudar a organizar o que, manualmente, seria um trabalho meticuloso e de grande morosidade.

Contudo, persistem desafios inerentes à IA, como a falta de consciência social e a tendência a cometer erros interpretativos dependendo dos comandos introduzidos. A IA, por si só, não compreende o texto no sentido humano; ela apenas reorganiza e reproduz padrões presentes nos dados com os quais foi treinada. Por esse motivo, a tecnologia pode auxiliar significativamente na etapa de processamento, mas não substitui a profundidade necessária para uma análise qualitativa completa.

Além das limitações operacionais, é necessário considerar as implicações epistemológicas e éticas no uso da IA em pesquisas qualitativas. A ausência de compreensão contextual, a dependência de padrões estatísticos e o risco de reforço de vieses presentes nos dados de treinamento impõem cautela ao seu uso. Do ponto de vista ético, o emprego da IA exige transparência metodológica, especialmente no que se refere ao papel desempenhado pela ferramenta na análise dos dados. Tais aspectos reforçam que a IA deve ser compreendida como mediação técnica e não como instância cognitiva autônoma, preservando a centralidade do pesquisador na produção do conhecimento.

Assim, a eficácia do método depende diretamente dos *prompts* utilizados, que devem exemplificar exatamente o que é necessário para a análise. O estudo mostrou que, quanto mais complexo e teoricamente fundamentado é o comando — incluindo referências a autores como Aristóteles e Olivier Reboul —, mais refinada se torna a identificação das figuras de sentido. Isso demonstra que a IA atua conforme é guiada pela competência teórica e linguística de quem a opera.

Nesse cenário, o olhar atento e crítico do pesquisador permanece indispensável e soberano. É o analista humano quem possui a responsabilidade de captar as figuras de linguagem presentes nos discursos proferidos, somando a elas os silêncios, as pausas, os gestos e as contradições que a máquina pode ignorar. A validação humana é o que garante que as figuras identificadas sejam interpretadas não apenas como ornamentos, mas como dispositivos centrais de produção de sentido nos contextos específicos de uma pesquisa.

Além disso, a análise realizada por humanos é essencial para contextualizar historicamente os enunciados e produzir sínteses interpretativas academicamente robustas. Enquanto a IA oferece uma primeira triagem sistemática, cabe ao pesquisador realizar a interpretação epistemologicamente situada, evitando reducionismos técnicos. A articulação

entre os trechos discursivos e a realidade social vivida pelos sujeitos é uma tarefa que exige vivência social, algo que a tecnologia ainda não possui.

Sustenta-se, portanto, como tese deste estudo, que a ARFD se fortalece metodologicamente com o uso da IA no que diz respeito à triagem das figuras de linguagem, ampliando a capacidade operacional da análise qualitativa. No entanto, a interpretação das RS não se reduz à mediação técnica, exigindo o juízo hermenêutico situado do pesquisador. A IA, quando orientada por *prompts* teoricamente fundamentados, incrementa a confiabilidade da fase exploratória, mas não substitui a dimensão interpretativa que constitui o núcleo epistemológico da pesquisa em Psicologia Social.

Ou seja, a IA mostra-se efetiva como dispositivo técnico, sobretudo, na identificação de padrões retórico-discursivos em grandes volumes de dados. No entanto, a interpretação das Representações Sociais permanece irreduzível à automatização, pois depende de um juízo sensível às mediações históricas, culturais e relacionais oriundas da reflexão autoral dos pesquisadores. Nessa direção, afirma-se que o uso da IA na ARFD só adquire consistência metodológica quando orientado por *prompts* teoricamente densos, ancorados na tradição retórica de Aristóteles e nas contribuições de Olivier Reboul, bem como articulados à problemática das Representações Sociais. Ainda assim, sua atuação permanece circunscrita ao plano da organização e sugestão de padrões, não alcançando o nível de reconstrução dos núcleos figurativos, dos foros temáticos e do "lugar do preferível", que constituem o núcleo interpretativo da ARFD.

Desse modo, a tese que se sustenta e conclui-se neste estudo é que a Inteligência Artificial, quando epistemologicamente orientada, aumenta a confiabilidade e a sistematicidade da fase exploratória da análise, mas não substitui (e nem deve substituir) o trabalho interpretativo autoral do pesquisador. A ARFD, nesse contexto, não é automatizável, pois sua força reside precisamente na articulação entre linguagem, experiência e pensamento social.

Um caminho promissor para o futuro da área pode ser o desenvolvimento de modelos de IA ou arquiteturas de *prompts* ainda mais específicos para a ARFD. Escrever e treinar um modelo dedicado exclusivamente a este fim pode trazer análises mais refinadas, capazes de identificar com maior precisão o "lugar do preferível" e as estratégias argumentativas complexas dos grupos pesquisados. Esse avanço técnico permitiria um mergulho ainda mais profundo nas

estruturas das representações sociais; ainda assim, a mediação humana permanece condição incontornável para a interpretação das Representações Sociais.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES (2000). *Retórica das paixões*. Prefácio de Michel Meyer. Trad. Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes.
- ARISTÓTELES (2011). *Retórica*. Trad. Edson Bini. São Paulo: EDIPRO.
- FERREIRA, Arthur Vianna (2024). Entre os ileísmos, o exílio voluntário e as representações sociais: a contribuição do campo psicossocial nas pesquisas em pedagogia social na/para América Latina. In: FERREIRA, Arthur Vianna & LOPES, Lucas Salgueiro (orgs.). *O plural da pedagogia social: (des)encontros latino-americanos*. Rio de Janeiro: Autografia.
- LOPES, Lucas Salgueiro (2023). *A violência é uma criança com medo: educação social, marginalidade e representações sociais de violências no Complexo do Salgueiro*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo.
- MAZZOTTI, Tarso Bonilha (2007). A Virada Retórica. *Educação e Cultura Contemporânea*. Rio de Janeiro, vol. 3, n. 5. Disponível em: <<https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/6274>>. Acesso em: 23 dez. 2025.
- MAZZOTTI, Tarso Bonilha (2015). Retórica, a Ciência da Educação. *Educação em Foco*. Juiz de Fora, vol. 20, n. 1, pp. 83-112. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19626>>. Acesso em: 26 dez. 2025.
- OLIVEIRA, Adam Alfred de (2023). *Representações sociais de inclusão digital nas práticas educativas não escolares em uma instituição não governamental no município de Niterói-RJ*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo.
- REBOUL, Olivier (1998). *Introdução à Retórica*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes.
- SICHMAN, Jaime Simão (2021). Inteligência Artificial e sociedade: avanços e riscos. *Estudos Avançados*. São Paulo, vol. 35, n. 101, pp. 37-50. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/eav/article/view/185024>>. Acesso em: 25 dez. 2025.
- SOUSA, Davi Gomes & MOREIRA, Lucas Sales (2025). Autopercepções das Inteligências Artificiais e suas Representações Sociais à Luz da Teoria Dialógica Bakhtiniana. *SciELO Preprints*. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/13710>>. Acesso em: 26 dez. 2025.

Declaração de Uso de Inteligência Artificial Generativa

Os autores do artigo acima identificado declaram que ao longo da elaboração deste manuscrito foram utilizadas as seguintes ferramentas de inteligência artificial: ChatGPT, com a finalidade de: revisão de linguagem — aprimoramento da gramática e da ortografia, do estilo textual e da clareza; e tradução — processo de conversão do artigo, total ou parcial, para outro idioma. Após o uso da ferramenta, os autores revisaram e editaram criticamente todo o conteúdo, assumindo total e integral responsabilidade pelo manuscrito publicado, inclusive por eventuais imprecisões ou incorreções.